

Ditaduras, trauma e escrita: o testemunho de B. Kucinski e Roberto Walsh

Ditatorships, trauma, and writing: the testimony of B. Kucinski and Roberto Walsh

GUSTAVO LUIS DE OLIVEIRA

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)
E-mail: 2001gustavo.luis@gmail.com

BRUNA FONTES FERRAZ

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - Orientadora (CEFET-MG)
E-mail: bruna.fferraz@gmail.com

Resumo: A segunda metade do Breve Século XX é marcada pela instauração de ditaduras militares em vários países da América Latina, entre os quais estão a Argentina (1976-1983) e o Brasil (1964-1985). Uma similaridade entre as ditaduras argentina e brasileira foi o “desaparecimento”, a tortura e o assassinato dos opositores de ambos os sistemas autoritários. O livro “K.: relato de uma busca” (2016), do escritor B. Kucinski, e as cartas “Carta a Vicki” e “*Carta a mis amigos*”, ambos escritos em 1976 pelo argentino Rodolfo Walsh, podem ser classificados como escritos de teor testemunhal. Diante dos acontecimentos traumáticos em ambos os regimes militares, que impactaram diretamente os autores, eles utilizam do paradoxo entre o real e o ficcional na literatura de testemunho para expurgar os acontecimentos traumáticos por meio da escrita. Desta forma, pretende-se (i) discutir a relação entre a escrita do trauma e a escrita como ato fúnebre no romance de Kucinski e em “Carta a Vicki”; e (ii) comparar a reconstrução da morte das personagens A. e Vicki, em “K.: relato de uma busca” e em “*Carta a mis amigos*”, respectivamente.

Palavras-chave: ditaduras latino-americanas; escrita testemunhal; trauma.

Abstract: The second half of the Brief 20th Century is marked by the establishment of military dictatorships in various Latin American countries, including Argentina (1976-1983) and Brazil (1964-1985). A similarity between the Argentine and Brazilian dictatorships was the “disappearance”, torture, and murder of opponents of both authoritarian systems. The book “K.: relato de uma busca” (2016) by B. Kucinski and the letters “Carta a Vicki” and “*Carta a mis amigos*”, both written in 1976 by the Argentine Rodolfo Walsh, can be classified as testimonial writings. Faced with the traumatic events in both military regimes, which directly impacted the authors, they use the paradox between reality and the fiction in testimonial literature to purge the traumatic events through writing. Thus, this paper aims to (i) discuss the relationship between trauma writing of trauma and writing as a mourning act in Kucinski’s novel and “Carta a Vicki”; and (ii) compare the reconstruction of the deaths of characters A. and Vicki in “K.: relato de uma busca” and “*Carta a Vicki*”, respectively.

Keywords: Latin American dictatorships; testimonial writing; trauma.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Breve Século XX rompe os paradigmas do Longo Século XX, sobretudo diante de tantas catástrofes acometidas à civilização ocidental. A Primeira Guerra Mundial é um divisor de águas no Ocidente, uma vez que dá início ao novo século, marcado por grandes catástrofes humanas, períodos de fome e genocídios sistemáticos (HOBSBAWN, 1995). Entre essas catástrofes, circunscrevem-se as ditaduras instauradas em países latino-americanos na segunda metade desse breve século, tal como na Argentina (1976-1983)¹ e no Brasil (1964-1985).

Esses regimes, instaurados durante contexto de Guerra Fria (1947-1991) e outorgados por meio de Golpes de Estado operacionalizados pelos militares, na Argentina em 1976 e no Brasil em 1964, institucionalizaram a tortura, o assassinato e o “desaparecimento” dos cidadãos argentinos e brasileiros com posição política considerada subversiva – particularmente, dos comunistas. Em contexto argentino, foram instaurados campos de extermínio como uma modalidade repressiva do poder, ao passo que, no Brasil, se operou ações repressivas seletivas, com focos de ação violenta conforme o alvo e o período em questão (TELES, 2014).

É diante das ações acometidas durante as ditaduras militares nos dois países, isto é, da violência sistemática, que o brasileiro B. Kucinski e o argentino Rodolfo Walsh utilizam do ofício da escrita como um meio de narrar a perda de entes queridos em regimes de exceção, isto é, narrar o trauma. Diante disso, temos como objetivo: (i) discutir a relação entre a escrita do trauma e a escrita como ato fúnebre, no romance de Kucinski e no texto “Carta a Vicki”, de Walsh; e (ii) comparar a reconstituição da morte das personagens A. e Vicki, em “K.: relato de uma busca” e em “*Carta a mis amigos*”, respectivamente.

DITADURAS, TRAUMA E ESCRITA

Nas obras do brasileiro B. Kucinski e do argentino Rodolfo Walsh, ambos testemunham uma situação limite: a perda de familiares durante o período de ditadura militar. Kucinski perde a irmã, Ana Rosa, e Walsh, a filha, María Victoria. Assim, enquanto o primeiro escreve um romance polifônico e, em maior parte, em terceira pessoa – que é um narrador que se distancia do evento –, o segundo escreve cartas, de cunho pessoal, com objetivo de confidenciar seus pensamentos. Dessa forma, o fenômeno de testemunhar uma situação limite, algo que deixa marcas, pode ser definido como a expressão de um trauma. De acordo com Nestrovski e Seligmann-Silva, “trauma”

¹ Na Argentina, houve diferentes períodos de ditadura militar, o período aqui assinalado, de 1976 a 1983, é demarcado como a última ditadura militar argentina, a qual teve início após um golpe de Estado que depôs a então presidenta da República, María Estela Martínez de Perón, em 24 de março de 1976. Entrementes, é neste período que Walsh (2021 [1976]) escreve “*Carta a mis amigos*” e “*Carta a Vicki*”.

deriva de uma raiz indo-européia com dois sentidos: “friccionar, triturar, perfurar”; mas também “suplantar”, “passar através”. Nesta contradição uma coisa que tritura, perfura, mas que, ao mesmo tempo, é o que nos faz suplantá-la, já se revela, mais uma vez, o paradoxo da experiência catastrófica, que por isso mesmo não se deixa apanhar por formas simples de narrativa (NESTROVSKI; SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 08).

A palavra “trauma” possui, semanticamente, uma conotação paradoxal: aquilo que é “perfurado” e que pode “ser passado através”. As ditaduras militares brasileira (1964-1984) e argentina (1974-1984) deixaram marcas nos autores diante do “desaparecimento” de Ana Rosa e da morte de Vicki, portanto, deixaram traumas, feridas profundas, nos autores. Embora o período de escrita de ambos seja diferente – Kucinski escreveu mais de trinta anos após o ocorrido, enquanto Walsh quase que imediatamente –, utilizam da escrita como um meio de perpassar aquilo que os feriram.

No entanto, perpassar aquilo que deixou marcas apresenta uma dificuldade, sobretudo diante de uma catástrofe, já que a linguagem carrega uma ditadura, uma impossibilidade de dizer o que aconteceu. Rememorando Benjamin (1985), no célebre ensaio “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, no qual discute o fato de a narração tradicional estar em vias de extinção nos tempos modernos, o filósofo constata um comportamento comum nos soldados que voltaram das trincheiras da Primeira Guerra Mundial:

[...] Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca [...] (BENJAMIN, 1985, p. 198).

A pobreza da experiência comunicável que assolou os retornados advém da dificuldade em transmitir o trauma vivenciado. Isto porque, diante de tantas baixas de guerra e um caos como nunca visto anteriormente, aquilo que foi vivenciado pelos soldados, uma experiência catastrófica, já não podia ser assimilado por palavras.

Embora com proporções distintas da Primeira Grande Guerra, as ditaduras instauradas na América do Sul, incluindo a Argentina e o Brasil, tiveram consequências traumáticas, como a perseguição, levada às últimas consequências àqueles que lutavam contra o regime militar. Mas, mesmo diante da ditadura da linguagem imposta pelas feridas que assolam o círculo familiar de Kucinski e Walsh², eles utilizam de suas posições de “sobreviventes” como um meio de lidar com suas perdas.

² Meses após ter escrito as cartas, Walsh foi assassinado em 27 de março de 1977 pelos militares argentinos.

No romance escrito por Kucinski, K., após o notório “desaparecimento” de A., durante os anos de chumbo da ditadura militar brasileira, K., um imigrante judeu-polonês e literato da língua ídiche, inicia a busca incessante pelo paradeiro da filha que “foi desaparecida”³ pelos militares durante a ditadura: “A tragédia já avançara inexorável quando, naquela manhã de domingo, K.⁴ sentiu pela primeira vez a angústia que logo o tomaria por completo. Há dez dias a filha não telefona [...]” (KUCINSKI, 2016, p. 16). Em um contexto de “desaparecimento” institucionalizado dos considerados subversivos, assim como no romance, algo similar ocorre na vida pessoal do autor: o desaparecimento de Ana Rosa⁵, irmã do autor, professora do Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP) e militante da Aliança Nacional Libertadora (ANL).

Sobre as interferências do real na trama ficcional, Kucinski, por exemplo, no início da obra, adverte o leitor: “Caro leitor: Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu” (KUCINSKI, 2016). Assim, neste romance fragmentário e polifônico, de teor testemunhal, o autor, por meio da escrita, utiliza do ficcional como um meio de perpassar o evento traumático e de sepultar a irmã por meio da escrita, já que o corpo nunca foi restituído à família.

Sobre a escrita como um ato fúnebre, Gagnebin afirma que a palavra “*sèma*”, cujo sentido seria o de “*signo*”, carrega em sua primeira acepção o significado de “*túmulo*”. Em suas palavras:

[...] E também quando lembramos que o primeiro sentido da palavra grega “*sèma*” é justamente o de *túmulo*, de *sepultura*, desse *signo* ou desse *rastro* que os homens inscrevem em memória dos mortos que o poeta e o historiador, nas palavras de Heródoto, não podem “deixar cair no esquecimento” (GAGNEBIN, 2006, p. 53).

O paradeiro de Ana nunca foi revelado pelos algozes, isto é, os militares que a sequestraram junto a seu marido, Wilson Silva, jamais confessaram o crime. A negação ao corpo é um ato que impacta tanto Kucinski quanto a família de outros que foram “desaparecidos” e/ou mortos, isso porque o trabalho do luto não pode ser concluído. De acordo com Freud (2013), o luto é

[...] a prova de realidade [que] mostrou que o objeto amado já não existe mais e agora exige que toda a libido seja retirada de suas ligações do objeto [...] uma vez concluído o trabalho do luto, o ego fica novamente livre e desinibido (FREUD, 2013).

³ A construção sintática “foi desaparecida” influi que houve um agente que ocasionou o desaparecimento.

⁴ No enredo se utiliza de K. como uma analogia a Meir Kucinski, pai do autor e daquela “desaparecida”, A., quem, por conseguinte, é uma analogia a Ana Rosa.

⁵ Ver mais em: MERLINO, T. OJEDA, I. Ana Rosa Kucinski. In: **Luta, substantivo feminino: mulheres torturadas, desaparecidas e mortas na resistência à ditadura**. São Paulo: Editora Caros Amigos, 2010. p. 159-161.

No entanto, Kucinski e Walsh não tiveram a oportunidade de retirar a libido dos entes familiares, isto é, de Ana Rosa e Vicki, uma vez que os corpos delas lhes foram negados pelos alçozes do regime militar. Portanto, o trabalho do luto não pôde ser realizado por atos fúnebres comuns, tais como a cerimônia de sepultamento e enterro das vítimas. Assim, utilizaram de uma aliada para tentar completar a incompletude: a escrita como um ato fúnebre.

Dessa forma, Kucinski, passados quase quarenta anos de incerteza, já que não havia como enterrar ou sepultar a irmã diante da falta dos restos mortais dela, optou por escrever essa história como um modo de inscrever um “túmulo” em memória da irmã, por meio de seu testemunho, circunscrevendo que “ela esteve ali”, e, ao mesmo tempo, transcrevendo uma memória familiar e social brasileira.

O período no qual essa obra foi escrita torna-se também importante para a reflexão. A anistia concedida aos militares não condenou, em nenhuma instância, aqueles que torturaram e assassinaram dezenas de pessoas. E, aqueles que lutaram pelo país, tal como Ana, foram marginalizados socialmente. Portanto, a escrita, depois de quase quatro décadas, é a postergação do luto, que, assim como o autor professa sobre as cartas endereçadas a A., continuam a chegar: “É como se as cartas tivessem a intenção de impedir que sua memória na nossa memória descanse [...]” (KUCINSKI, 2016, p. 14).

A exemplo da dificuldade de narrar e de sepultar de alguma forma a “desaparecida”, o pai de A., o próprio K., quando perde as esperanças de encontrar a filha, enquanto literato da língua iídiche, tenta escrever para lidar com seu próprio infortúnio, buscando, assim, se redimir por não ter percebido o envolvimento da filha com a luta contra a ditadura e, por outras vias, assegurando que ela existiu, que estava ali. Todavia, assim como os soldados das trincheiras, vivencia um mesmo paradigma: a dificuldade de narrar a experiência traumática, haja vista que “Era como se faltasse o essencial; era como se as palavras, embora escolhidas com esmero, em vez de mostrar a plenitude do que ele sentia, ao contrário, escondessem ou amputassem o significado principal [...]” (KUCINSKI, 2016, p. 127). Como K. não conseguiu escrever e, por conseguinte, sepultar a filha, coube ao filho B. Kucinski o trabalho de lidar com a dificuldade da língua em expressar o real sofrido e, ao mesmo tempo, sepultar a irmã desaparecida em seu texto.

Temática semelhante circunscreve as cartas de Rodolfo Walsh. As “Carta a Vicki” e “Carta a mis amigos”, redigidas por Walsh, em 1976, possuem como mote principal a morte da filha María Victoria, Vicki, filha do autor e participante da Organização Montoneros. “Carta a Vicki” é escrita no mesmo dia da notícia de morte da filha,

[...] A notícia de sua morte chegou a mim hoje às três da tarde. Estávamos em reunião quando conseguiram transmitir o comunicado. Escutei seu nome mal pronunciado e demorou apenas um segundo para assimilá-

lo [...] O mundo ficou parado nesse segundo (WALSH, 2021 [1976], grifo do autor)⁶.

Assim como Kucinski, a perda de um ente querido faz Walsh, em um período de repressão, escrever e professar seu testemunho sobre a filha. Após a notícia da morte de Vicki, filha do autor, a escrita transmuta-se em um ato fúnebre. O próprio Walsh vivia na clandestinidade à época, por causa de sua atuação política. Provavelmente, não conseguiria realizar um enterro digno à sua filha sem ser raptado pelos algozes. Dessa forma, escrever, logo após a notícia da morte da filha, foi um modo de transmitir os seus sentimentos, ao mesmo tempo em que sepulta Vicki por meio da palavra, assim como expresso na seguinte frase: “[...] O verdadeiro cemitério é a memória. Ali te guardo, te balanço, te celebro e talvez te inveje, minha querida” (WALSH, 2021 [1976], grifo do autor)⁷.

Kucinski e Walsh, portanto, utilizam do ato de escrever para perpetuar o testemunho deles sobre a irmã “desaparecida” e a filha morta por suicídio. Se a linguagem é insuficiente para expressar todo o sofrimento vivido, ela foi, por sua vez, a única possibilidade de sepultamento aos entes queridos. Consiste nisso o seu paradoxo. Em outras palavras, mesmo diante dessa impossibilidade do dizer, já que o trauma é aquilo que fere e perfura, Kucinski e Walsh utilizam da escrita como meio de perpassar aquilo que os fere, suplantando também um sepultamento de Ana Rosa e María Victoria, em “K.: relato de uma busca” e em “Carta a Vicki”, respectivamente.

A RECONSTITUIÇÃO DA MORTE DE A. E DE VICKI

Além disso, outro ponto importante deve ser discutido a partir das obras “K.: relato de uma busca” e “Carta a mis amigos”: os autores, seja pelo ponto de vista em primeira pessoa, seja pela terceira pessoa, tentam narrar os acontecimentos traumáticos que presenciaram, mas dos quais não foram autênticas testemunhas. Tanto Walsh quanto Kucinski lidam com uma questão elementar para reconstituírem essas cenas: ambos não são *supertes*, isto é, aqueles que vivenciaram o ocorrido (AGAMBEN, 2008, p. 27), já que este é o lugar ocupado pela filha de Walsh e pela irmã de Kucinski, que não sobreviveram.

Assim, os autores apresentam os seus respectivos testemunhos na condição de pseudotestemunhas, uma vez que “[...] os sobreviventes, como pseudotestemunhas, falam em seu lugar, por delegação: testemunham sobre um testemunho que falta [...]” (AGAMBEN, 2008, p. 43). Dessa forma, Ana Rosa e María Victoria seriam as testemunhas reais, as *supertes*, pois elas vivenciaram todo o ocorrido, mas não sobreviveram, logo não é possível que assumam o lugar legítimo de fala. Por isso, Kucinski e Walsh utilizam da posição ocupada por elas para escrever sobre o assunto.

⁶ No original: “La noticia de tu muerte me llegó hoy a las tres de la tarde. Estamos en reunión cuando empezaron a transmitir el comunicado. Escuché tu nombre, mal pronunciado y tarde un segundo en asimilarlo [...] El mundo estuvo parado ese segundo [...]” (WALSH, 2021 [1976], grifo do autor).

⁷ No original: “El verdadero cementerio es la memoria. Ahí te guardo, te acuno, te celebro y quizá te envidio, querida mia” (WALSH, 2021 [1976], grifo do autor).

Como eles não viveram diretamente a catástrofe, para expressar o real vivido, mesmo diante da dificuldade, os autores utilizam um recurso importante para dar voz às lacunas da linguagem e do experienciado: eles utilizam a *imaginação*, que

[...] apresenta-se a ele como o meio para enfrentar a crise do testemunho [...] A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço [...] (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 70).

Um testemunho está suscetível, assim como dito anteriormente, à dificuldade de narrar o trauma ocorrido, diante da ditadura da linguagem e do buraco negro do real experienciado. A fim de preencher as lacunas do real vivido por A. e Vicki, Walsh e Kucinski, como meio de atravessar o trauma que os fere, utilizam da linguagem verbal, mas, para isso, fazem uso da imaginação para preencher as lacunas da memória e da experiência do outro.

As estratégias narrativas utilizadas por eles possuem diferentes vieses: enquanto Kucinski, em maior parte do texto, narra em terceira pessoa com várias vozes sociais e em vários gêneros textuais para compor seu testemunho, Walsh utiliza do gênero carta como meio de confidenciar aos outros, à própria Vicki e a seus amigos, o seu testemunho pela perda da filha.

Um exemplo da polifonia com a qual se figura o romance *K.* pode ser elucidado no episódio do sequestro de A., o qual é descrito brevemente pela voz de um militar, no capítulo “A cadela”, ao narrar a preocupação do chefe do departamento em relação à Baleia, a cadela de A. e de seu marido. Os militares preocupam-se, assim, com a segurança do animal que continuava vivo, e, por isso, necessitava de cuidados, após o sequestro dos donos da cadela, em uma arapuca organizada pelos algozes, em uma saída lateral de um parque, onde foram surpreendidos e, quando mal perceberam, já haviam sido detidos (KUCINSKI, 2016).

Em contrapartida à solidariedade apresentada a Baleia, um dilema ético se instaura: quando o algoz narrador diz que deveriam sacrificar a cadela, ele é condenado verbalmente pelo chefe, já que isso seria uma ação desumana e covarde. A esse lapso de “benevolência” do algoz, porém, cabe questionar: e aquilo que ocorreu aos presos políticos e seus destinos atroz? Não seriam também atitudes desumanas e covardes? Para os carrascos, os comunistas, por apresentarem viés ideológico distinto, são desumanizados e rebaixados a uma condição inferior à do animal, passíveis, assim, de sofrerem as mais cruéis atrocidades.

Outro exemplo da pluralidade de vozes narrativas no romance de Kucinski pode ser percebido no capítulo “A terapia”, no qual uma jovem, chamada Jesuína Barbosa, diante da dificuldade de dormir, procura uma terapeuta para ter uma consulta. No desenrolar da conversa, a médica percebe algo de estranho naquilo que estava sendo

descrito pela paciente, já que esta trabalhava em uma casa em Petrópolis⁸ que, na verdade, era uma prisão, local onde os “subversivos” eram torturados e assassinados. A jovem, que trabalhava na prisão comandada por Fleury⁹, descreve seu trabalho: “[...] Às vezes ele me mandava escutar o que um preso ou uma presa falavam; eu fazia a faxina ou levava água, e era para me fazer de boazinha [...] tinha que oferecer para avisar a família, essas coisas [...]” (KUCINSKI, 2016, p. 118).

E é neste contexto que a jovem se depara com A. na cadeia. Jesuína foi mandada para ficar com a recém-chegada, A., que tinha marcas no braço e um nome complicado. Mas,

[...] Logo depois vieram buscar ela. Foi aí que ela de repente meteu um dedo na boca e fez assim como quem mastiga forte e daí a alguns segundos começou a se contorcer. Eles nem tinham aberto a cela, ela caiu de lado gemendo, o rosto horrível de se ver e logo depois estava morta. Parecia morta e estava morta mesmo. “Você sabe o que aconteceu?” “Disseram que ela tomou veneno, que tinha veneno na boca, pronto para engolir [...]” (KUCINSKI, 2016, p. 122-123).

A hipótese adotada por Kucinski é a de que, junto a seu marido, A. colocara, antes de serem capturados, uma cápsula de cianureto entre os dentes. Esta medida foi tomada para que, caso algo acontecesse, como realmente ocorreu com os dois, ambos não fossem fadados à tortura por busca de informações e, conseqüentemente, não entregassem seus companheiros de luta, isto é, aqueles que lutavam contra a ditadura. O suicídio é um meio de deixar *a posteriori* o legado de A., que, mesmo se matando, faz disso um ato heroico para não entregar aqueles que com ela trabalhavam em busca do fim da ditadura. Dessa forma, o ato organizado por ela é um meio de não sucumbir ao sistema vigente, mas, sim, de subvertê-lo.

Todos esses eventos são relatados por Kucinski com o distanciamento que a voz narrativa em terceira pessoa guarda, colocando-se como uma testemunha indireta, ou pseudotestemunha, como dito anteriormente. Já Walsh opta por um tom pessoal, ao falar sobre a vida política da filha, que trabalhava na Organização dos Montoneros¹⁰ e que militava em uma pequena vila – onde conhecera a pobreza extrema que tentava combater –, para reconstituir o dia da morte dela.

No dia 28 de setembro, Vicki entrara com a sua filha, ainda de colo, em uma casa na rua Corro. Na manhã do dia seguinte, o Exército, com um montante de 150

⁸ A “Casa da Morte”, na década de 1970, disfarçada de casa, este era o local onde vários daqueles que foram sequestrados – e possivelmente dados como “desaparecidos” – foram torturados e assassinados.

⁹ Sérgio Fernando Paranhos Fleury era um delegado do DOPS - Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo durante a ditadura, tendo torturado e assassinado diversos presos políticos.

¹⁰ O *Movimiento Peronista Montonero* (MPM) foi uma organização político-militar da guerrilha peronista, criada na década de 1970, a fim de combater a ditadura autodenominada de Revolução Argentina.

soldados, às sete da manhã, disparou os primeiros tiros, em um embate que durou mais de uma hora. Quando o pai de Vicki aborda o ato que culminou na morte da filha, utiliza do testemunho de alguém que viu o que aconteceu, o qual também não se recorda de tudo. Ele professa:

[...] Não recordo de tudo que ela disse. Mas recordo da última frase, que não me deixa dormir: – Vocês não nos matam – disse – nós escolhemos morrer. Depois ela e o homem levaram uma arma à boca e se mataram em frente a todos nós (WALSH, 2021 [1976])¹¹.

Assim como Vicki já dizia ao pai, não haveria de se entregar com vida aos algozes da ditadura militar, isso porque já sabia o que aconteceria a ela caso isso acontecesse. Então,

sabia perfeitamente que em uma guerra com essas características, o pecado não era falar, mas sim sucumbir. Levava sempre consigo uma pastilha de cianeto – a mesma com que nosso amigo Paco Urondo se matou –, com a qual tantos outros obtiveram uma vitória contra a barbárie. (WALSH, 2021 [1976])¹².

Vicki não haveria de se entregar em uma guerra como essa. O suicídio com a utilização de uma cápsula de cianeto – assim como ocorre com A. –, ou com outro método, era uma medida adotada contra a barbárie, contra os algozes do regime. Não se entregar ao regime com vida, portanto, era um método para derrotar as medidas repressivas da ditadura e um meio simbólico de dizer que lutava pelo país e pela causa à qual dera a vida.

A estratégia narrativa de Kucinski e Walsh para narrar um evento doloroso, isto é, o suicídio de A. e de Vicki, é marcada pelo distanciamento, ainda que eles tentem afrontar o ocorrido. O primeiro, por meio de *flashes* de relatos alheios, como o algoz e a jovem que trabalhava na prisão, que descrevem brevemente o sequestro e o suicídio de A., sua irmã, mantém-se como um observador indireto. Neste caso, a *imaginação* é algo importante, pois, como Ana Rosa “foi desaparecida” durante a ditadura, não se sabe exatamente o que ocorreu com ela. No entanto, no romance de Kucinski, o suicídio de A. é, porventura, um meio de o autor se distanciar do fado que teve a sua irmã.

Já Walsh, para escrever a carta a sua filha e a seus amigos, o faz por meios indiretos. Dessa forma, imagina um testemunho alheio, provavelmente de alguém que

¹¹ No original: “No recuerdo todo lo que dijo. Pero recuerdo la última frase, en realidad no me deja dormir. – Ustedes no nos matan – dijo – nosotros elegimos morir. Entonces ella y el hombre se llevaron una pistola a la sien y se mataron enfrente de todos nosotros” (WALSH, 2021 [1976]).

¹² No original: “[...] Sabía perfectamente que en una guerra de esas características, el pecado no era hablar, sino caer. Llevaba siempre encima la pastilla de cianuro – la misma com la que se mato nuestro amigo Paco Urondo –, con la que tantos otros han obtenido una última victoria sobre la barbárie [...]” (WALSH, 2021 [1976]).

pertencia aos militares, como forma de remontar o cenário de suicídio de sua filha, como se percebe no excerto acima, que registra um provável discurso de Vicki ao enfatizar que os militares não os matariam. Mas esta testemunha também se vê diante de uma situação contraditória, por não se lembrar de todo o ocorrido, embora ainda se sinta amedrontada pelo suicídio de Vicki e de seu companheiro.

Desta forma, embora Kucinski e Walsh utilizem da escrita para perpassar o trauma ocorrido, a escolha narrativa para o “desaparecimento” de A. e o suicídio de Vicki, ambos diante de uma situação-limite, como as ditaduras militares, reflete também, um certo distanciamento do evento. Isso se deve, principalmente, pelo fato de que, mesmo que a escrita de um trauma possa ser descrita como algo que “perfura” e ao mesmo tempo “atravessa”, certos temas ainda ferem os portadores do testemunho, como aconteceu com as pseudotestemunhas Kucinski e Walsh.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ditaduras militares que ocorreram no Breve Século XX, uma era de grandes catástrofes, deixaram marcas em B. Kucinski e Rodolfo Walsh diante de suas perdas. E, como meio de trabalhar o trauma e realizar uma cerimônia fúnebre a Ana Rosa e a María Victoria, escrevem textos nos quais apresentam seus testemunhos, na condição de pseudotestemunhas, para isso utilizando da *imaginação* e de diferentes estratégias para compor a obra.

O intuito dos autores, além de expurgar aquilo que os feriu e de perpassar a catástrofe, é o de relegar ao outro o testemunho, transmitindo aos outros uma história que precisa ser narrada, transmutando-se também em testemunhas, pois “[...] Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro [...]” (GAGNEBIN, 2006, p. 57). Dessa forma, relegar ao outro o testemunho é, portanto, uma forma de englobá-lo naquela história.

O trabalho realizado em “K: relato de uma busca”, de B. Kucinski, e em “*Carta a mis amigos*” e “*Carta a Vicki*”, de Rodolfo Walsh, é importante por relegar aos outros um pouco do sofrimento vivido, narrando uma história coletiva, embora essas histórias tenham ocorrido no seio familiar dos autores. Dessa forma, postergam aos outros, àqueles que escutam ou leem o testemunho, a memória cravada de que Ana Rosa e María Victoria “viveram” e “estiveram aqui”, tudo isso através da escrita daquilo que “feriu” os autores, mas que os fez atravessar o trauma.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. A testemunha. *In: O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (Homo Sacer III). Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 25-48 (Estado de sítio).

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: BENJAMIN, W. Mágia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221 (Obras escolhidas).

FREUD, S. **Luto e melancolia**. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

GAGNEBIN, J. M. Memória, história, testemunho. *In: Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006. p. 49-58.

HOBBSAWN, E. O século: vista aérea. *In: Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 13-28.

KUCINSKI, B. **K.**: relato de uma busca. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. Apresentação. *In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (org.). Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 7-11.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma - a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Revista Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100005>.

TELES, J. de A. Ditadura e repressão: paralelos e distinções entre Brasil e Argentina, **Taller (Segunda Época)**: Revista de Sociedad, Cultura y Política en América Latina, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 99-117, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/es/32782250/DITADURA_E_REPRESS%C3%83O_PARALELOS_E_DISTIN%C3%87%C3%95ES_ENTRE_BRASIL_E_ARGENTINA.

WALSH, R. **Rodolfo Walsh explica cómo y por qué murió su hija Vicki**. 2021. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/389449-rodolfo-walsh-explica-como-y-por-que-murio-su-hija-vicki>.